

Essa gente que se mete em tudo

Bia Guimarães

Sarah Azoubel

Em um dos textos que você vai ler neste livro, chamado “Do subsolo para a podosfera - Conversas da Kata”, as autoras dizem que “antropólogo se mete em tudo”. Esse também é o jeito que nós, jornalistas, gostamos de falar de nós mesmos. Assim como antropólogos e antropólogas, temos fome de saber do que não vivemos, ou do que vivemos, mas não notamos. Temos mania de andar pelo mundo procurando histórias e de nunca desligar os olhos e ouvidos. Toda cena importa, todo diálogo interessa. O mais brilhante que podemos encontrar, muitas vezes, se esconde no comum.

As páginas que seguem mostram estudantes e pesquisadores da antropologia mergulhados na tarefa de compreender uma nova mídia, uma nova linguagem, e de aprender como passar adiante as tantas histórias que conheceram e viveram em campo. São grupos que se aventuraram na produção de *podcasts* e, como resultado, acabaram descobrindo mais sobre seus temas de pesquisa, seus colegas e sua profissão, além de experimentarem o desafio de falar para um público maior do que o geralmente alcançado pelas produções acadêmicas.

Na outra ponta, essas discussões e narrativas puderam chegar a outros departamentos, a outras universidades e a pessoas que sequer sabiam direito o que faz e como se faz a antropologia. Se no trailer do Mundaréu, um dos projetos apresentados neste livro, as produtoras brincam com a pergunta “Antropo...quê?” - que elas já devem ter ouvido uma série de vezes ao longo de suas trajetórias - , esses *podcasts* chegam justamente para oferecer respostas. Não com uma explicação de dicionário, mas com relatos e diálogos que revelam o coração da antropologia.

Familiares e amigos daqueles que estão atrás dos microfones ganharam um passaporte para espiar os bastidores do fazer antropológico e para saber mais sobre as questões e comunidades estudadas pela área. Já os representantes dessas comunidades estudadas, incluindo gente que participou das pesquisas, são convidados a reescutar, nos podcasts, suas próprias histórias e a entender melhor o porquê de elas serem tão caras aos pesquisadores.

Contar histórias da ciência é, antes de mais nada, contar histórias. Precisamos de bons personagens, cenas instigantes, cenários bem construídos e um arco narrativo que se transforma, que tem um antes, um durante e um depois. São todos ingredientes espalhados pelo cotidiano, mas é preciso saber encontrá-los e contá-los. Acima de tudo, é obrigatória a predisposição a se meter em tudo, a não se contentar apenas com a superfície, a pele das coisas.

No caso dos *podcasts*, soma-se o fato de que essas narrativas devem ser desenhadas para os ouvidos. As músicas, cenas e paisagens sonoras devem nos transportar para outro tempo e outro espaço. As vozes devem soar íntimas, familiares (você deixaria um estranho falar ao pé do seu ouvido? Pois é).

Pode parecer tarefa simples a princípio, mas a verdade é que se trata de um processo incômodo, doloroso. Fisicamente doloroso. Dá um nó na barriga, algo entre o nojo, o pavor e a luta pela sobrevivência. *Gut churn* foram as palavras usadas por Mikel Elcessor e Jad Abumrad, ao lembrarem a fundação do Radiolab, programa de ciência estadunidense transmitido na rádio desde 2002.

Abumrad descreve essa sensação de vida ou morte como parte essencial do processo criativo. Entre desbravar os labirintos do *software* de edição e lidar com o estranhamento de ouvir e reouvir a própria voz, no fim do dia, somos obrigados a escolher apenas uma entre as zilhões de maneiras de se contar uma história ou explicar um conceito. Esse processo começa na cabeça, claro, mas se decide nas entranhas.

É o corpo que nos alerta quando uma escolha funciona ou não. Que sente, quando a história flui desimpedida de quem conta para quem escuta. Que se enche de prazer, quando as peças da narrativa finalmente se encaixam e sossegam a nossa vontade de ver o mundo por outros olhos, entender outras vidas, sentir outras coisas, conhecer outros tempos e lugares. É no corpo que a gente sacia a fome de se meter em tudo — nem que seja só por um momento, até ela voltar mais forte.

A cada capítulo, este livro vai te saciar com histórias e novos olhares sobre a antropologia. Já os respectivos *podcasts*, que você pode escutar nos intervalos da leitura, vão te apresentar vozes, diálogos, sons, cenas e cenários que, juntos, nos trazem uma nova maneira de ouvir o mundo.

Bia Guimarães. Jornalista com mestrado em Divulgação Científica e Cultural. É apresentadora e produtora do *podcast* 37 Graus e cofundadora do Cochicho.org, um *site* sobre narrativas em áudio. Email: bz.guimaraes@gmail.com

Sarah Azoubel. Doutora em biologia e jornalista de ciência. É apresentadora e produtora do *podcast* 37 Graus e cofundadora do Cochicho.org, um *site* sobre narrativas em áudio. Email: sarah@laboratorio37.com.br

